

PARMÊNIDES:
O NÃO SER COMO CONTRADIÇÃO

Coleção CÁTEDRA

Coordenação: Gabrielle Cornelli

- *Aristóteles*
Carlo Natali
- *Diálogo socrático (O)*
Livio Rosseti
- *Ética dos antigos (A)*
Mario Vegetti
- *Filon de Alexandria*
Francesca Calabi
- *Filosofia antes de Sócrates (A): uma introdução com textos e comentário*
Richard D. McKirahan
- *Introdução à “filosofia pré-socrática”*
André Laks
- *Introdução à filosofia do mito*
Luc Brisson
- *Parmênides: O não ser como contradição*
Nicola Stefano Galgano
- *Platão: A construção do conhecimento*
José Gabriel Trindade Santos

NICOLA STEFANO GALGANO

**Parmênides:
o não ser como contradição**



Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Capa: *Yasmin Jucksch*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Galgano, Nicola Stefano

Parmênides: o não ser como contradição / Nicola Stefano Galgano. – São Paulo: Paulus, 2019. Coordenação de Gabriele Cornelli. Coleção Cátedra.

Bibliografia

ISBN 978-85-349-4989-7

1. Filosofia antiga 2. Parmênides - Crítica e interpretação 3. Poesia grega - Crítica e interpretação
I. Título II. Cornelli, Gabriele

19-0777

CDD 182
CDU 1(38)

Índice para catálogo sistemático

1. Filosofia antiga



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Televentas: (11) 3789-4000 / 0800 16 40 11

1ª edição, 2019

© PAULUS – 2019

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4989-7

Ao Tomaz Toledo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
1. INTRODUÇÃO À NOÇÃO DE NÃO SER	23
1.1 Introdução geral à temática	23
1.2 O estudo do não ser dentro do panorama dos estudos de história da filosofia na atualidade	27
1.3 Apresentação da temática e justificação da metodologia	31
1.4 O testemunho de Platão	34
1.5 A imagem de referência	37
2. PARMÊNIDES PSICÓLOGO - Primeira parte.....	41
2.1 Introdução geral	41
2.2 O fragmento 1	46
2.3 O fragmento 2	72
2.4 O fragmento 3	82
2.5 O fragmento 4	87
2.6 O fragmento 6	87
2.7 O fragmento 7	103
2.8 Resumo e conclusão da primeira parte do Parmênides Psicólogo.....	114
3. O MÉTODO	117
3.1 Introdução.....	117
3.2 O fragmento 2.....	119
3.3 Conclusão.....	162
4. DISCUSSÃO E APLICAÇÃO DO MÉTODO	167
4.1 A discussão do método	167
4.2 A aplicação do método	177
5. O NÃO SER EM PARMÊNIDES	199
5.1 O não ser em Parmênides.....	199
5.2 O ser, os seres	209
5.3 Ouk esti.....	213
6. PARMÊNIDES PSICÓLOGO - Segunda parte	219
6.1 O fragmento 8.....	219
6.2 O fragmento 4.....	232
6.3 O fragmento 16.....	236
6.4 Conclusão.....	239
7. OS PRECEITOS DA DEUSA	241
8. EPÍLOGO.....	257
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	265
ÍNDICE DOS NOMES	279

ADVERTÊNCIAS

A edição com respectiva numeração dos fragmentos do poema de Parmênides aqui utilizada é de Diels-Kranz (1982), exceto onde diversamente indicado. Todas as traduções dos fragmentos de Parmênides são de minha autoria, exceto onde diversamente indicado.

ABREVIATURAS

DK	<i>Diels-Kranz</i>
LSJ	<i>Liddel-Scott-Johnson</i>
TLG	<i>Thesaurus Linguae Graecae</i>

As abreviaturas dos nomes dos autores antigos e de suas obras seguem o critério de abreviação do Liddell-Scott-Johnson, edição de 1996.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o resultado de um percurso longo e complexo, características que significam a colaboração direta ou indireta de muitas pessoas às quais desde já eu agradeço. Aqui apresentarei tão somente alguns nomes, para os outros meus agradecimentos permanecerão anônimos, mas nem por isso menos importantes. Devo um agradecimento indelével a Tomaz Toledo, meu mestre de filosofia, pela paciência artesanal com a qual seguiu e corrigiu meu desenvolvimento filosófico: foram anos de ensino intenso e anos intensos de minha vida.

Sobre Parmênides, reconheço em mim – sem que eles o saibam – dois mestres, Néstor Luis Cordero e Livio Rossetti, aos quais eu devo muito das linhas desse livro; eu diria que são eles os gigantes sobre cujos ombros, eu anão, tentei subir. Cordero, entre todos os estudiosos de Parmênides que estudei, é aquele que, em minha opinião, conseguiu encontrar o equilíbrio perfeito entre filologia e filosofia, lá onde os outros, inclusive eu, se inclinam quase sempre para um lado ou para o outro; com Cordero, quando minhas dúvidas pendiam para cá ou para lá, encontrei sempre o porto seguro onde encontrar refúgio e esperar a tempestade passar. Quanto a Rossetti, eu tenho a impressão que ele compreendeu – e com didática inigualável ensinou – o espírito do V século a. C., algo extremamente difícil de captar; com Rossetti, a figura de Parmênides que eu imaginava teve uma casa, um grupo de pertinência, uma escola, um pano de fundo cultural e principalmente mestres e colegas jônicos e pitagóricos;

aquela figura saiu dos 160 versos escritos numa folha de papel e se tornou uma figura histórica viva.

Mais tarde, já na parte final de meu estudo, deparei-me com outro mestre de natureza completamente diferente, com o qual tive aulas especiais, geralmente ministradas em um modesto restaurante de Toronto; Thomas More Robinson. O interessante de seus ensinamentos era e é a sua leitura exatamente oposta àquela de Cordero. Assim, com ele consegui consolidar meu espírito crítico. Mas tem mais. Robinson me fez entender que podemos ser sérios e severos e, ao mesmo tempo, viver a vida de maneira amigável e alegre, que no fundo nada é realmente mais importante do que isso. Agradeço a ele também, porque penso que Parmênides foi um pouco assim, uma personagem austera e meticulosa – como se depreende do poema – mas também alegre e, acima de tudo, de tons moderados, mesmo quando trata dos assuntos mais profundos da existência.

No que diz respeito à realização concreta do meu estudo, agradeço antes de todos Roberto Bolzani filho, da Universidade de São Paulo, que foi meu orientador na época do doutorado e me deixou liberdade total de seguir meu faro na pesquisa. Com ele, agradeço também a Instituição, a USP que junto com a Capes me concederam fundos para estudos tanto aqui no Brasil quanto no Canadá. Agradeço a professora Carolina Alves de Souza, da Unesp, pelo seu apoio constante e pelas energias positivas. Agradeço à professora Eliane Christina de Souza, da UFSCar, pelas sugestões e pelo primeiro seminário brasileiro sobre o não ser, realizado na UFSCar. Agradeço os professores Fernando Santoro, da UFRJ, Graciela Marcos Pinotti, da Universidad de Buenos Aires, Alberto Bernabé, Beatriz Bossi, da Universidad Complutense de Madrid, Maria Michela Sassi, da Università di Pisa. Com todos eles – mas também com outros aqui não nomeados – mantive conversas nas quais expus minhas dúvidas e carências, obtendo sempre respostas importantes que me ajudaram na reflexão.

Quero agradecer especialmente Gabriele Cornelli, da Universidade de Brasília, e diretor da Cétedra UNESCO Archai, que

tem um ‘*mojo*’ muito especial, capaz de desencadear dinâmicas acadêmicas fecundas em todos os níveis, desde aquelas pessoais até as institucionais internacionais, com resultados surpreendentes e benéficos; espero poder sempre trabalhar com ele.

Já no que diz respeito ao cotidiano do desenvolvimento da pesquisa e do livro, ali onde a discussão se torna campo de batalha, quero agradecer os estudiosos Stefania Giombini e Massimo Pulpito, ambos diretores de “Eleatica”, congresso bianual sobre temas eleáticos que acontece em Ascea Marina (a antiga Eléia). Stefania e Massimo são aqueles com os quais mantive o maior intercâmbio de e-mails e mensagens eletrônicas de vários tipos no período da redação do livro. Isso mostra mais que qualquer outra coisa o quanto eu devo a eles e o quanto sou grato a eles, uma gratidão passo a passo, dúvida a dúvida, pensamento a pensamento, emoção a emoção, impossíveis de qualificar ou listar. Sem eles, esse livro não teria sido possível.

Quanto ao livro físico, agradeço o pessoal da edição italiana: o editor Mario Trombino, da Diogene Multimedia e o supervisor prof. Walter Fratticci, da Pontificia Università Lateranense de Roma, amigo e valente estudioso de Parmênides, que corrigiu meu italiano bastante enferrujado e conseguiu entender e corrigir passagens não claras, nas quais somente quem conhece profundamente Parmênides consegue se orientar. Para a edição brasileira, agradeço o editor Claudiano Avelino dos Santos, da Paulus, e Yasmin Jucksch, cara colega e cuidadosa revisora da versão em português.

Para terminar, agradeço as pessoas de minha esfera afetiva, meus filhos, os parentes, os amigos e amigas que amo e que me amam e que sempre me apoiaram, estimularam e suportaram. Seus nomes estão escritos no meu coração.

Quero registrar também uma nota de gratidão – imensa, a bem da verdade – pela viçosa natureza do lugar onde vivo, pelo verde, pelo marulho das ondas, pelos horizontes e o bonito céu brasileiro.

Ilha Comprida, janeiro 2019.

Quando pensamos no nada absoluto, não realizamos o nada, nem tampouco a idéia do nada, porque a única que podemos construir é por exclusão das coisas conhecidas e positivas, é pela exclusão total de toda positividade, por recusa; sem a positividade não poderíamos conceber o nada. Só o concebemos por oposição, ou seja, por negação do positivo, pela negação da presença, pela recusa da presença.

Mário Ferreira dos Santos
"A sabedoria do ser e do nada"

APRESENTAÇÃO

O estudo apresentado nas páginas a seguir trata de um tema específico entre os muitos presentes no poema de Parmênides: o não ser. Os motivos para este recorte são dois: o primeiro é a necessidade atual, no debate contemporâneo, de uma revisão dos mais variados pressupostos que sustentam e compõem a nossa visão de mundo – que podemos chamar genericamente de newtoniana – onde, imergida em espaço e tempo homogêneos, se encontra uma realidade em constante devir; esta visão parece não ser mais suficiente e, ademais, é questionada desde o século XIX pela filosofia e ao menos desde o século XX pela ciência mais avançada. Hoje, espaço e tempo não são mais tidos como um receptáculo neutro do mundo; alguns tradicionais instrumentos cognitivos humanos, como a relação causa-efeito e o princípio de não contradição, parecem não atuar de forma absoluta como se acreditava; e, finalmente, a projeção para o futuro das dinâmicas do mundo segundo nossos atuais conhecimentos – e, portanto, uma ideia de rumo para a humanidade – não tem cenários confortáveis, principalmente porque a equivocidade, a instabilidade e até mesmo a confusão das noções que utilizamos para ver o mundo não permitem um foco mais preciso.

Em busca de novos caminhos de compreensão, já na primeira metade do século XX, tanto a ciência como a filosofia se voltaram ao passado na esperança de encontrar no patrimônio cultural ocidental alguma ideia ou algum gancho que pudesse

ajudar nessa busca. Assim, pensadores tão diferentes como Heidegger e Popper se dedicaram à interpretação de Parmênides e o trataram como par entre pares, como colega, como atualmente presente no debate contemporâneo, como filósofo vivo¹. Parmênides não é o único que recebeu tratamento similar, outros pré-socráticos foram chamados em causa e a razão parece ser uma só: suas ideias não passaram pelos filtros platônico e aristotélico, sendo menos comprometidas com a visão cultural ocidental predominante e, por isto, sugestivas de outras visões e outras posturas de compreensão. Mas Parmênides recebeu um tratamento especial, principalmente porque foi autor de um problema ainda hoje insolúvel, a assim chamada aporia eleática. Ele e alguns de seus seguidores, principalmente Melisso, que radicalizou as ideias parmenidianas, são responsáveis por uma visão de mundo anti-intuitiva, que rejeita o devir assim como geralmente o entendemos, abrindo um abismo na noção de realidade, seja aquela cotidiana do homem simples, seja aquela científica do homem sábio. Todavia, a aporia eleática é aporética nas conclusões, mas não nas premissas, as quais restam firmes e coerentes para qualquer um que se disponha a analisá-las, isto é, Parmênides tinha lá suas razões; assim, às vezes tratado como gênio e outras como banalmente ilógico, o eleata continua representando um desafio sério aos pesquisadores de ciência e de filosofia.

A aporia eleática se revela imediatamente na oposição absoluta entre o que é absolutamente afirmado e o que é absolutamente negado. Na fórmula mais conhecida a oposição é estabelecida entre ser e não ser, mas tal oposição possui estas características: se o não ser é nada, o ser não tem nada a que se oponer e a oposição cai; para que subsista, o não ser deve ser algo, mas se o não ser é algo, o ser se oporia a algo, isto é, ao ser, e neste caso também a oposição cai; enfim, se a oposição entre ser

¹ Heidegger, 1998; Popper, 2014.

e não ser é eliminada, nos vemos obrigados a dizer que ser e não ser são a mesma coisa, com consequências ainda mais absurdas. O principal responsável da articulação da aporia, aquele que não se deixa capturar e que escapole de nossas garras racionais é o não ser. Desde Górgias e Platão o não ser é uma noção das mais aporéticas e, como um Midas negativo, tudo que ele toca se torna difícil; mas dele o pensamento contemporâneo não consegue mais prescindir e, como outras noções que sofreram outrora o mesmo destino de rejeição, está sendo mais uma vez acolhido, estudado e repensado. Por um lado a física atual pretende que pares de partículas subatômicas tenham origem no nada e, por outro lado, o não ser passa a ser menos absoluto em lógicas paraconsistentes e paracompletas. Tanto no mundo sensível da física, quanto no mundo inteligível da lógica, o não ser, também chamado de nada, se alberga silenciosamente, exigindo meditações sobre seu papel e sua “existência”, isto é, sobre seu *status*.

O peso da filosofia parmenidiana foi sentido, como já dissemos, pela cultura contemporânea; mas justamente os dois pensadores dos quais falamos, Heidegger e Popper, embora tenham captado a dimensão do recado de Parmênides até mesmo mais do que muitos historiadores da filosofia antiga, são conhecidos entre os estudiosos por ter produzido interpretações entre as mais arbitrárias tanto do texto do poema quanto, mais propriamente, de sua filosofia. A aparente contradição se resolve facilmente; Popper e Heidegger captaram a dimensão filosófica de Parmênides e a aproveitaram para suas próprias meditações. Mas a dimensão filosófica é apenas um sinal da filosofia, a qual, para ser reconstruída e esclarecida sobre a base segura da exegese do fragmentário texto parmenidiano, requer tantas providências metodológicas e uma atenção tão grande que o poema ainda é considerado um quebra-cabeça, pois, apesar dos esforços dos estudiosos ao longo de mais de 150 anos, ainda não se conseguiu chegar a uma unanimidade de interpretação. O problema dos fragmentos que sobreviveram, os problemas paleográficos, de

tradução, de coerência interna e de compreensão filosófica fazem com que o poema seja estudado hoje palavra por palavra, com obstinação surpreendente, causando polêmicas interpretativas a cada passo, a cada conjunção e a cada interpunção.

No aspecto filosófico, um dos mistérios do poema está na noção de não ser. Este aspecto, porém, não depende precipuamente do estado do texto ou da exegese das palavras e de suas noções implicadas; o não ser foi problemático desde os exórdios de divulgação do poema, quando esses problemas textuais não estavam presentes. Vê-se isto claramente em Melisso, que acaba rejeitando qualquer devir, em Górgias², que escreve um texto tão absurdo e, ao mesmo tempo, rigoroso que, até hoje, não se sabe se ele estava falando seriamente ou apenas fazendo uma paródia de Parmênides, e em Platão que discute o não ser no diálogo *O sofista*. A proposta de Parmênides é escandalosa: aparentemente implica o mundo imóvel de Melisso, a equação entre ser e não ser de Górgias e afinal o *nonsense* detectado por Platão, o qual não acha solução melhor de que eliminá-lo, atribuindo-lhe outra identidade, um não ser relativo no lugar daquele absoluto.

A tradição da história da filosofia moderna, de Hegel em diante, privilegiou a noção de ser e é para esta noção que se dirigiram os estudiosos até aproximadamente a primeira metade do século XX. De lá para cá, do conteúdo do poema foram acentuados os aspectos metodológicos, epistemológicos e cada vez mais os científicos. Timidamente o não ser começou a ganhar espaço e a representar uma etapa importante da meditação filosófica parmenidiana. Nos anos 60, uma preconizada volta a Parmênides foi surgindo a partir da questão da impossibilidade de uma intermediação entre ser e não ser, intermediação rejeitada por Parmênides e reestabelecida principalmente por Aristóteles com sua teoria de matéria e forma, ato e potência.

² Górgias: *Do não ser ou da natureza* (περί τοῦ μὴ ὄντος ἢ περὶ φύσεως).

Nos anos 70 foi publicado o primeiro texto dedicado ao não ser de Parmênides, *Il primato del nulla e le origini della metafisica*, de Alberto Colombo (1972), fortemente comprometido com uma linguagem metafísica tradicional, onde o tratamento do não ser é desenvolvido dentro de um discurso filosófico amplo e com análises, eu penso, de grande qualidade dentro daquela linguagem. De outro lado, o não ser foi bastante estudado, principalmente pela assim chamada escola analítica de filosofia. Entretanto, os vários estudiosos pertencentes a esta corrente quase sempre se movimentaram dentro de uma moldura conceitual pré-estabelecida, normalmente de lógica, onde o não ser e suas noções correlatas – negação, dupla negação, nada etc. – tinham um lugar cativo entre os axiomas: *grosso modo*, procurava-se, afinal, entender o não ser numa função linguística ou metalinguística, basicamente como operador lógico de negação. Por isso, o não ser como noção filosófica acabou sendo tido em consideração menor e os estudos analíticos de filosofia antiga não conseguiram penetrar no mundo anti-intuitivo do não ser. O mesmo não pode ser dito dos estudos de lógica, os quais, sem temor se aventuraram e continuam se aventurando por mundos estranhos e aterradores; no entanto, o não ser elaborado pela lógica não pode não passar pelo crivo do aprofundamento filosófico, sob pena de permanecer apenas um operador lógico sem maiores consequências. Chegando ao terreno da filosofia, mesmo o não ser elaborado pela lógica não pode não passar pelo crivo parmenidiano.

O presente trabalho procura suprir este anseio de uma pesquisa detida e pormenorizada do tema do não ser em Parmênides para além da moldura linguística, abordando francamente a questão filosófica, mas sempre dentro do contexto do poema e de suas circunstâncias históricas. Ademais, este estudo é realizado sem a necessidade de entrar no restante da problemática parmenidiana, principalmente a questão do ser e o seu *status* (suas características) no mundo parmenidiano. Para tanto, foram tomadas algumas providências metodológicas

que permitissem, tanto quanto possível, isolar a noção de não ser, mas sem privá-la da vitalidade que percorre todo o poema. A primeira delas foi a identificação das possíveis observações que levaram Parmênides a se interessar pelo assunto. Foi assim identificado um Parmênides observador do comportamento da mente humana, que refletiu até as últimas consequências quais as implicações da negação da totalidade das coisas. A segunda providência foi identificar qual o pressuposto filosófico que Parmênides excogitou para a compreensão da noção de não ser. Por fim, foi identificado o método que permitiu a Parmênides distinguir os discursos persuasivos segundo a verdade daqueles que persuadem de forma não confiável. Esse método, ao qual dei o nome de Preceito da Deusa, foi aquele que ele aplicou para a descoberta das características do seu ente cosmológico, o *eon*.

Especificamente em relação ao não ser, o resultado da pesquisa é impressionante e mostra como Parmênides tocou uma profundidade jamais vista antes e, talvez, nem depois dele. A tese tenta mostrar que para Parmênides a oposição é entre a negação e o ser, realizando um passo ainda aquém do nosso princípio de não contradição, ou seja, a oposição proposta por Parmênides é princípio do princípio de não contradição. A meditação filosófica a respeito desta oposição resulta num caminho fortemente anti-intuitivo, do qual aqui foi dada apenas uma brevíssima nota sugestiva. Com isso espero ter contribuído à história da filosofia eleática, mas também ao enriquecimento do acervo conceitual proposto por aqueles pensadores e deixado de herança espiritual a todos nós.